

## Notas para uma fenomenologia *queer*

Maycon Silva Lopes<sup>1</sup>

“O mistério do mundo está no visível, não no invisível”  
Oscar Wilde

“Minha política é meu corpo, provendo e se expandindo  
com cada ato de resistência e com cada um de meus fracassos”  
Adrienne Rich

### Resumo

Neste ensaio procuro apreender corpo provocando um diálogo entre a teoria *queer* e a fenomenologia. Para tanto, recorro ao primado heideggeriano do *Dasein*, à corporeidade e experiência em Merleau-Ponty e a hermenêutica em Gadamer, postulados que recusam de modo radical o centrado sujeito cartesiano. Aqui discuto como a compreensão do corpo na sua contingência constitutiva e totalidade impregnada de significação o revela potencialmente sede de subversões à heteronormatividade. Num relevo poético inconformado com a substancializante rigidez proposta pelas oposições binárias do Ocidente, o corpo encontra na metáfora da viagem a denúncia de um ser inacabado: atalhos que se abrem em toda experiência.

Palavras-chave: teoria queer, fenomenologia, hermenêutica, corpo.

### Um ponto de encontro

Não me parece qualquer novidade afirmar que o século XX assistiu, como jamais antes na história do Ocidente, à uma pulsante multiplicação de sexualidades. Ora, Foucault já nos anos 70 testemunhara essa proliferação de discursos imbuídos de saber e poder, como mais tarde prosseguiram em investigações afins os chamados estudos gays e lésbicos, seguidos, a posteriori, pelos/as teóricos/as *queer*. A emergência de “novos” sujeitos e práticas anunciou a fragilidade do sistema de oposição binária que qualifica gênero e sexualidade nas nossas sociedades, por que o binarismo deixa justamente

---

<sup>1</sup> Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia, pesquisador do grupo de pesquisa CUS – Cultura e Sexualidade, vinculado ao CULT – Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (IHAC/UFBA) e do CRH – Centro de Recursos Humanos (FFCH/UFBA), pelo PIBIC/UFBA. [mayconslopes@gmail.com](mailto:mayconslopes@gmail.com).

escapar as mais variadas possibilidades de desejos e estilos a que o corpo está desde sempre (mais ou menos) aberto.

Foucault (2007) postula que, neste corpo que tem uma história, sempre há resistência, descontinuidade e, portanto, que os efeitos das espirais de poder-saber não são, por assim dizer, uniformes, mas polimorfos e heterogêneos. Neste contexto, a teoria *queer* parte do abandono da dual e substancializante “lógica do ou” (LOPES, 2008, p. 2), que prescreve, pressupondo constância, que o sujeito é isto ou aquilo, hétero ou gay, homem ou mulher. Este abandono em última instância se dá porque existe não um corpo que foge, pois afinal de contas este corpo é corpo em um mundo, mas de fato há um corpo que escorrega, que por vezes ultrapassa a norma, ou seja, não existe propriamente sexualidade que à esta seja alheia, pois, como o corpo, a heteronormatividade – norma a que me refiro – está reiterativamente imersa no mundo em que habitamos, em que estamos lançados, mas o problema é que a norma já é por si só desviante ao encobrir uma abertura que faz do corpo sempre contingente. Eu diria que há uma existência fatalmente condenada à contingência, afinal de contas, só há norma em mundo por haver também possibilidade.

No ser envolto neste mundo de possíveis, ou melhor, em ser-no-mundo – referenciando o seu próprio termo – Martin Heidegger em *Ser e tempo* elabora, se apropriando da fenomenologia husserliana com uma base hermenêutica e ontológica, a fenomenologia existencial do *Dasein* (pre-sença), cujo desembaraço critica radicalmente o *cogito* cartesiano. Heidegger recusa a utilização de termos tais quais sujeito e homem, pois ambos vão de encontro a então urgente tarefa a que ele se incumbira; a saber, de descentrar, ou melhor, de misturar a mundo o sujeito centrado da filosofia moderna, um *Dasein*, que muito antes de ser si-mesmo, já é ser-no-mundo, embora ignorado pela tradição filosófica. O descentrar, ou o misturar, envolver, desvelando um ser já envolvido, parte da abertura constituinte do *Dasein*, abertura esta possibilitada pela compreensão, que pré-existe a este ser, ou seja, estamos falando de uma compreensão que é ontológica, originária, primordial: compreensão abre mundo. Desta forma, o *Dasein* já é desde sempre lançado em mundo, compreendido e compartilhado, cuja partilha se dá com outros, que são igualmente *Dasein*, compreendido por outrem e “compreensivo”. Diferentemente dos outros entes intramundanos, o *Dasein* é o único que compreende o ser das coisas e as co-presenças, e

põe continuamente, a partir da compreensão e da interpretação, o seu próprio ser em questão, a cada fenômeno que se dá para ele em mundo.

Por maior que seja a tendência em interpretar a si e aos outros por meio do desvio, preenchendo-os de atributos que terminam por ignorar a sua abertura primordial, ainda não se trata aqui de um ser simplesmente dado, uma vez que esta abertura permite que o próprio *Dasein* interprete a si próprio. Ora, se somos todos ser-no-mundo por nos pré-existir uma abertura ontológica, abertura que abre mundo, nos envolve e nele chega a nos dissipar, essa mesma abertura nos delega uma hermenêutica que faz de nós seres em trânsito, seres viajantes. A facticidade dessa viagem, o “fato de ser e ter de ser”, o estar-lançado no mundo, nos propõe, nos impõe um “enigma inexorável” (HEIDEGGER, 1997, p. 190), um irresoluto enigma de quem já é tocado desde sempre.

No entanto, vale ressaltar que o enraizamento do *Dasein* em mundo, postulado pela “analítica da pre-sença”, historiciza a compreensão e a própria experiência, não caindo, portanto, num puro voluntarismo, evitado também por Merleau-Ponty (1999), que recusa veementemente os pólos binários do empirismo (determinismo) e do intelectualismo (voluntarismo). Também em Butler, os “estilos [do corpo] têm uma história, e suas histórias condicionam e limitam suas possibilidades” (BUTLER, 2003, p. 198). Precisamente neste ponto encontramos uma necessidade de diálogo entre a teoria *queer* e a fenomenologia: falar em gênero, sexualidade e corpo é inevitavelmente falar em experiência.

### **Gêneros escorregadios**

Se desço delicadamente uma ladeira trajado numa calça justa azul-turqueza com um chapéu-coco igualmente delicado, que cobre somente em parte o meu novo corte Chanel, exponho o modo que elegi na minha mais íntima e pública atitude com o mundo: a leveza. O modo pouquíssimo bruto de uma masculinidade não-hegemônica logo chama a atenção do meu companheiro que está na portaria do seu prédio. Ele se espanta de pronto, esboçando ao jovem que está ao seu lado a interpretação feita do meu corpo, dizendo “olha, parece um travesti”. O jovem, que se mostra antes de atento, também envolvido com este mundo da *circunvisão* de que nos fala Heidegger, comenta “Não parece: é um travesti. Aquilo [a barbicha] é só para disfarçar”.

Ora, a situação, o fenômeno apresentado nos oferece, antes de qualquer observação verbal, um corpo, um corpo percebido. Este corpo percebido, dotado de

significância, pois, diz Merleau-Ponty, *significado habita corpo*, convida, provoca no meu companheiro uma estranheza. Heidegger diria que eu desceria a minha ladeira sem nada escutar caso houvesse uma familiaridade de outrem com este corpo que me escapa. O corpo só é então tematizado por que há uma quebra, uma ruptura referencial ali, naquele corpo que é em sua totalidade generificado, gênero este que se apresenta como uma das suas mais fortes marcas constituintes, e, logo, referencial, contextual. O gênero se confunde no momento em que de repente é (des)articulada uma barba rala a um cabelo estilo Chanel, sendo cada qualidade, portanto, apresentada como reveladora do ser do meu corpo, tomado, no ato da percepção, como objeto (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 23). Em questão há, no movimento existencial daquele corpo, um trânsito que perturba um mundo pressuposto, um regime de heterossexualidade pressuposta, a heteronormatividade que, no modo de desvio, articula causalmente gênero, sexo e desejo. O corpo diz, denuncia que esta causalidade é uma ficção, mas denuncia na forma de pergunta, pois aquilo de dizer que sou “um travesti” foi uma resposta à interpelação, à questão levantada pelo meu corpo: que sou?

O meu corpo é o texto que é interpretado, que é todo ele significado, que se esforçam para compreendê-lo em seu próprio estilo e negociá-lo com os pressupostos os quais o meu corpo confronta na sua mais banal aparição, num descer de ladeira. O corpo que transborda em direção ao mundo exterior (VALVERDE, 2008) tem a sua interpretação explicitada por um discurso que é, como todo discurso, aliado à experiência sensível. A instabilidade da compreensão é aqui evidenciada, isso porque, na sua historicidade constitutiva, a compreensão sempre será compreensão a partir da elaboração de um projeto prévio (GADAMER, 1999). Benedito Nunes assinala que:

“A interpretação nada mais é do que o desenvolvimento do compreender apropriando-se das possibilidades em que o poder-ser se projeta. Mas essa apropriação não é jamais algo sem pressuposto: parte de um referencial que se tem (*Vorhabe*), explicita-se em conceitos prévios (*Vorgriffe*) numa certa perspectiva (*Vorsicht*)” (NUNES, 2002, p. 17)

Desta maneira, são estes pressupostos que, revelando um indivíduo pertencente à história, possibilita, a partir da antecipação hermenêutica, a própria compreensão e seu movimento (GADAMER, 1999). É importante ainda dizer que, no ato de compreender,

neste círculo hermenêutico inerente ao teor fenomenal do *Dasein*, na compreensão que dá voz ao texto e na interpretação que o impregna de sentido, os pressupostos são revisáveis, os preconceitos, como “projetos rivais” são postos à prova, cabendo, no ir-e-vir da existência, tão-somente à experiência a superação da própria experiência, por meio desta “dialética entre reconhecimento e estranhamento ou descoberta” (RABELO e SOUZA, 200).

### **Rupturas e política *queer***

O movimento *queer* surge nos Estados Unidos no início dos anos 90 como uma insatisfação com o sujeito do movimento gay tradicional: branco, de classe média, com desejo de casar e constituir família. *Queer* pode ser traduzido para o português como excêntrico, estranho, raro, esquisito, e nos EUA é muito pejorativamente utilizado como quem agride com “bicha”, ou “marica”. Todavia, o *queer* parte justamente da resignificação do termo, ou seja, o estigma é positivado no âmago desta política.

Resta sabermos em que medida este corpo que toca, provoca e tem voz, se encontra como instrumento de resistência ao risco do assimilacionismo deste movimento gay a que o *queer* se opõe. Heidegger aponta que há um impessoal que clama na existência: eu sou eu, mas sou qualquer um, sou um outro que a mim se apresenta, sou este jovem que, como tantos outros, desce aquela ladeira envolvido nas minhas ocupações cotidianas. Fato é que estou sempre envolvido, sempre ocupado com. Essa ocupação, com efeito, é implicância de ser-no-mundo e ser-com-outros, e no envolvimento que tantas vezes dissolve esse *Dasein* que sou, fico imerso no anonimato e na impessoalidade, a mim mesmo e aos outros. Por isso, retomando o episódio que convosco compartilho, podemos dizer que houve ali um corpo não só percebido como tematizado, ou seja, que na difusa tendência mundana à impessoalidade, um “eu” sobressai, uma diferença viera à tona.

Posso dizer que este corpo, em seu delicado modo de ser, está potencialmente carregado de política? Será possível afirmar que há, no movimento de compreensão e interpretação a que este corpo convoca, uma recusa declarada em seguir a norma conjuntural sancionada para o “sexo masculino” e que, assim, essa discreta *afetação* demonstra um ser que escapa às categorias conceitualizantes homem/mulher? Seria o corpo, imbuído de uma poético-política estética subversiva de existência, esta sede de significação radical e potencialmente revolucionária contra a heteronormatividade?

Butler afirma que “pode ocorrer que a persistência da *desidentificação* seja igualmente crucial para a rearticulação da contestação democrática” (BUTLER, 2001, p. 156). Mas, afinal, que apropriações da norma precisamente não tenderiam ao assimilacionismo? Esta? Aquela? Qual? Ainda dialogando com Judith Butler, qual gramática substancializante pode apreender a minha experiência de gênero?

### **Corpos que fazem**

Na introdução a *Bodies that matter*, Butler afirma que “os corpos não se conformam, nunca, completamente, às formas pelas quais sua materialização é imposta” (BUTLER, 2001, p. 154), isso porque o corpo não é um recipiente passivo à serena espera da agência da lei. O corpo, diz Merleau-Ponty, já é por si só dotado de significado, significado que a um só tempo nele reside e não pode nunca dar conta completamente dele. Dessa forma, persiste uma latente possibilidade de perturbação deste corpo, a ponto dele ser passível de estranhamento, de ser tomado como um *algo* não familiar, ou um corpo estranho.

Se as normas por um lado privam, castram as potencialidades do corpo, por outro, elas abrem possibilidades as quais o corpo assume, acata, adota, se apropria, e por isso é preciso dizer que sujeitos não decidem corpo, e que corpo é rearticulável nas condições possibilitadas pelas normas. Nesse sentido, retomo a importância dada por Heidegger à crucial necessidade da filosofia e das ciências humanas em geral em tratar a questão do ser enquanto ontologia, enquanto abertura primeira, pois só um ser aberto, primariamente permeável, pode vir-a-ser em mundo que o antecede.

Judith Butler em *Problemas de gênero* critica a máxima beauvoiriana “não se nasce mulher, torna-se mulher”, interrogando-se: ora, mas antes de tornar-se mulher, o que é afinal? Já na ultra-sonografia, argumenta a filósofa, há uma pergunta inadiável, pergunta que não se quer calar, qual seja, “é menino ou menina?”. Certamente Heidegger, angustiadamente comovido, responderia, levantando uma outra questão, algo como “mas o *Dasein* nem se fez *Dasein* e vocês já querem fechar a sua abertura?”, embora já compreendesse que há uma tendência nossa em tratar co-presenças como algo dado, pois sempre que interpretamos outro, fechamos outro, e não há, portanto, “como recorrer a um corpo que já não tenha sido desde sempre interpretado” (BUTLER, 2003, p. 27).

## **(Hi)atos**

Se até aqui compreendemos que não existe nenhuma propriedade inata que nos designe a ser algo, ou qualquer fundamento preciso da existência, quer dizer, a substância é uma ilusão, uma fantasia criada como um *Dasein* que se esquivava da sua abertura constituinte, pois uma vez que o nosso único fado é ser, podemos afirmar que somos os nossos atos, aquelas possibilidades que acolhemos. Se somos mesmo os nossos atos, e me digo homem, e me dizem travesti, este masculino ou feminino que explode o meu corpo são tão-somente a totalidade de atos que nele faço perceber.

Harold Garfinkel, etnometodólogo que fez um estudo de caso sobre uma intersexual feminina, Agnes, já havia percebido na sua observação que, em outras palavras, gênero nada mais é que ato, ato repetido. Butler argumenta que o que de fato existe é performatividade de gênero, refutando, portanto, a idéia de um gênero verdadeiro ou natural. O gênero, argumenta Butler, não é nada mais que uma “*repetição estilizada de atos*” (BUTLER, 2004, p. 200), atos que, constituintes de uma corporeidade total fazem gênero. Assim, uma *drag queen* intenciona<sup>2</sup> gênero ao passo que o denuncia enquanto imitação da imitação, cuja busca à procura desta substância gênero seria vã. Para o conceito de performatividade de gênero, ainda segundo a filósofa, torna-se crucial a distinção entre performatividade e expressão, pois não há gênero-essência, gênero que prescindia ou pré-exista corpo, rompendo, tal qual Merleau-Ponty, com a própria idéia tradicional que há tanto tempo ronda a filosofia ocidental, a idéia de que, grosso modo, se tem de representação: uma matéria que expressa um suposto referente sentido, um real que é dado a posteriori por algum, digamos que, esforço cognitivo. “A representação é, aqui, sempre marca ou traço visível, exterior” (SILVA, 2000, p. 91).

É, finalmente, pelo fato do gênero ser performativo que ele pode, ao longo da existência, ser posto em questão, desestabilizado, cambiado, imitado, hibridizado, proliferado. O corpo não possui gênero, o corpo faz gênero. Nas suas andanças, revela um modo de ser no espaço, o que pode culminar o corpo vivido num corpo impensável.

## **O transeunte no vivido**

---

<sup>2</sup> Como Butler, aqui também associa intencionalidade nos termos de Edmund Husserl. Quer dizer, não existe consciência pura, mas uma consciência voltada a um objeto, que, neste caso, seria gênero como objeto imaginário.

Com a estabilidade por inteiro abalada, segue o meu ser, que é ser-aí. Sigo atravessando um mundo rasgado pela minha própria abertura, pelo meu ser rasgado, por um mundo que está a todo momento me cerceando e expandindo, um eu cujo centramento a todo custo lhe é negado, um sujeito que se situa no aí, mas um *Dasein* ainda idêntico a si mesmo.

As minhas certezas de mundo e de mim mesmo se reformulam, desmoronam: eu não tenho um gênero intacto. Eu faço e sou feito, e num só mundo desfeito. Não há chão, mas posso me reconhecer, eu conheço de há muito este espaço onde vivo, eu só me lembro dele desde quando o compreendo como a minha morada, onde fui, me encontrei lançado.

Tenho um corpo que não é sempre Eu, tenho um corpo que é co-extensão do meu mundo, da minha gente, da minha mente. Um corpo ora ativo ora passivo, um corpo que é arrepiadamente tocado, que se encontra em, e que entra em cena todas as vezes em que percebo, sempre. Eu sou sensível. Qual o lugar do meu corpo?

Jamais relegado ao mais absoluto acaso, eu encontro, sigo ou desisto atalhos em mundo. A existência às vezes parece se recusar a si mesma, recusar-se a ser, e eu me vejo um anacrônico barroco, um quê de ambivalência, fluidez, perdição, pois não quero mais ser testemunho do contingente que é o meu continente: existem projetos.

O jogo da percepção, que é existência, o jogo da ontologia muito tem de ambivalente. Ele desestabiliza aqui, restabiliza lá, para novamente, de repente, de assalto, fazer a casa cair doravante. Há chão? Há projeto.

Guacira Lopes Louro, que inicia *Um corpo estranho* com um ensaio cujo (auto-explicativo) título é *Viajantes pós-modernos*, recorre à metáfora da viagem para referir-se a um sujeito fragmentado, plural, fluído, sempre inacabado. Penso então como este sujeito pós-moderno pode ser pensado em termos de ser-no-mundo, pois a “viagem” só se dá na medida em que este sujeito é tocado pelos caminhos que se abrem em mundo, como “como a perda de si próprio” (HEIDEGGER, 1997, p. 167).

Viagem pode ser pensada como ser, assim também como tempo, pois ambos já envolvem um trânsito não-linear. A viagem é o estar-lançado, mergulhado em mundo, em outro, na co-presença que nos generaliza e impessoaliza. Viagem é também toda possibilidade de retomada de caminhos, ou também, como diria Merleau-Ponty, é encerrando um ciclo que abrimos outro, a partir da experiência vivida que se dá em

corpo, afinal de contas, é a espacialidade constitutiva do *Dasein* que nos faz tomado por mundo.

Viagem é a própria ausência de fundamento da existência, por mais determinada que pareça esta ser. Por isso, tomando o ser como “algo mais lato e indefinível” (PALMER, 1986, p. 133), me é tão cara tal metáfora: talvez resida nela a possibilidade real de encontro entre a fenomenologia e a teoria *queer*, entendendo a tão evocada “crise do sujeito moderno” como o escancarar de uma abertura criativa, pois somos concomitantemente artistas e obras, e eis enfim a positiva problemática do trânsito, do “projetar-se a”, da descoberta da “instabilidade e precariedade de todas as identidades” (LOURO, 2004, p. 48).

### **Referências bibliográficas**

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 236 p. Título original: Gender Trouble: feminism and the subversion of identity.

\_\_\_\_\_. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 151-172.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**: I a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 18 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007. 174 p. Título original: Histoire de La Sexualité: I La Volonté de savoir.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**: Traços de uma hermenêutica filosófica. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 1997. 736 p. (Coleção Pensamento Humano). Título original: Wahrheit und methode.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**: parte I. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1997. 325 p. (Coleção Pensamento Humano). Título original: Sein und Zeit.

LOPES, Maycon Silva. Sapatilhas acanhadas: a homossexualidade na telenovela Mulheres Apaixonadas. In: ENCONTRO BAIANO DE ESTUDOS EM CULTURA, 1., 2008, Salvador. **Anais ...** Salvador: [s/n], 2008, 1 CD-ROM.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 90 p.

\_\_\_\_\_. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Conversas**: 1948. Tradução de Fábio Landa e Eva Landa. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 85 p. Título original: Causeries 1948.

\_\_\_\_\_. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 662 p. Título original: Phénoménologie de la perception.

NUNES, Benedito. **Heidegger & ser e tempo**. (Coleção Passo-a-passo). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. 60 p.

PALMER, Richard E. O contributo de Heidegger para a hermenêutica em Ser e Tempo. In: \_\_\_\_\_. **Hermenêutica**. Lisboa: Edições 70, 1986. cap. 9, p. 129-143.

RABELO, Míriam Cristina; SOUZA, Iara Maria de Almeida. Vida vivida, vida contada: uma reflexão sobre a experiência do nervoso na trajetória de mulheres de classe trabalhadora em Salvador. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 24., 2000, Petrópolis. 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. cap. 2, p. 73-102.

VALVERDE, Monclar. Comunicação e experiência estética. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 17., 2008, São Paulo. **Anais ...** São Paulo: [s/n], 2008, 1 CD-ROM.